

ESCRavidÃO, HERANÇA IBÉRICA E AFRICANA E AS TÉCNICAS DE MINERAÇÃO EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Andréa Lisly Gonçalves¹

Universidade Federal de Ouro Preto (Professora Adjunta)

Resumo: Nem sempre é possível avaliar, com o devido rigor, a origem das técnicas utilizadas na extração do ouro em Minas Gerais no século XVIII. A discussão não é recente, ainda que venha ganhando alento com o avanço dos estudos, não apenas sobre a História da África e a origem étnica dos escravos presentes nas minas, desde os períodos iniciais das atividades extrativas, mas também das repercussões dos sucessos dos espanhóis na mineração da prata na Nova Espanha e no Peru. O objetivo deste trabalho é o de procurar dimensionar, a partir da bibliografia existente sobre a história da mineração no continente africano e na ibero América, de fontes oficiais, disponíveis em suporte digitalizados, como as do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa e fontes impressas, a participação dos africanos escravizados, dos peritos europeus e do Novo Mundo na introdução de técnicas de extração do ouro na capitania de Minas Gerais.

Palavras-chave: escravidão, técnicas de mineração, capitania de Minas Gerais, século XVIII.

“Somente os joalheiros sabem distinguir os diamantes da Ásia dos do Brasil. As pedras de Golconda e de Visapur se caracterizam por uma alvura, por uma nitidez de brilho que não possuem as outras, cuja água encerra um tom amarelado que, por ocasião da venda, em igualdade de peso, as deprecia”. Honoré de Balzac. O contrato de casamento. *A comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1989, v. IV. p.446.

I. Introdução

Em mais de uma passagem de *A Comédia Humana*, Balzac refere-se à inferioridade das gemas brasileiras em relação àquelas extraídas na Ásia. Pelo trecho citado, parece tratar-se de uma sutil diferença, só perceptível ao olhar experimentado dos joalheiros, mas suficiente, pelo menos na ficção, para depreciar o valor de mercado de nossas pedras². A experiência com mineração fez parte da biografia do autor, sócio em uma fracassada empresa de extração de prata, empreendida por romanos, na

¹ Professora adjunta do Departamento de História da UFOP. Pós-doutoranda em História pela USP.

² "Aqui há muitos diamantes portugueses vindos do Brasil! Para mim isso não vale mais de cem mil francos". O contrato de casamento. Honoré de Balzac. *A comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1989, v. IV. p.447.

Sardenha³ no ano de 1838, o que empresta às suas observações, ainda que romanceadas, um pouco mais do que a verossimilhança.

Já a cor pardacenta das primeiras amostras de "esmeraldas", mais tarde reconhecidas como turmalinas, enviadas do Brasil para Portugal, em meados do século XVI, e que não devem ter figurado em nenhum dote de casamento, seja na realidade, seja na ficção, não chegou, por sua vez, a desanimar os ensaiadores e ourives da metrópole que atribuíam o aspecto baço das gemas à forma primitiva de sua extração. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda:

*"O fato é que, mandadas amostras ao Reino, vinha constantemente o veredicto positivo dos entendidos: eram esmeraldas. E se acontecesse, como em geral acontecia, serem as pedras um tanto descoradas e foscas, atribuíam o defeito ao processo usado muitas vezes em sua extração, que era aquecerem-se ao fogo os cristais onde se incrustavam, até arrebitarem estes, soltando de si as gemas. Ou então ao fato de procederem das camadas superficiais, em que jaz a escória das melhores. E como as melhores ficavam nas entranhas da terra, o remédio era aprofundarem-se as escavações: então se achariam as pedras boas, tão boas, luzentes e coradas, como as da Etiópia e do Peru"*⁴.

Ainda que mais tarde tenha-se demonstrado o engano, deliberado ou não, dos expertos lusitanos, o fato é que o método descrito não correspondia, mesmo à época, às formas mais elaboradas de separação da rocha do mineral. Além disso, a passagem é ilustrativa pela menção à qualidade das gemas exploradas na África e no vice-reino do Peru.

Não existe consenso entre os especialistas acerca da origem das técnicas que presidiram a lavagem dos diamantes - considerados inferiores aos de Golconda e de Visapur, a se crer como verdadeiro o que registra Honoré de Balzac em sua obra - e da extração do ouro na América Portuguesa ao longo do século XVIII. Da mesma forma, não se sabe inteiramente a proveniência do conhecimento daqueles que, desde cedo, se lançaram à prospeção dos metais e pedras preciosas nos sertões da colônia. Discute-se

³ "Uma idéia pouco menos fantástica levou Balzac, em 1838, à Sardenha, país ... que o escritor percorreu ... à procura das minas de prata dos romanos. ... um comerciante genovês falara-lhe nessas minas levantando a hipótese de existirem restos de chumbo e até de prata nas escórias acumuladas à saída dessas minas, pois os métodos empregados pelos antigos eram demasiado primitivos para extrair do minério todo o metal". Paulo Rónai. A vida de Balzac. In: *A comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1989, v. IV. p.62.

desde a influência da experiência em mineração na Península Ibérica e a (in)capacidade de seus técnicos de viabilizarem achados em suas colônias, à contribuição de metalurgistas das mais variadas partes da Europa na descoberta e exploração das jazidas; a influência dos colonos que exploraram as minas da Bolívia e Novo México, baseando-se em técnicas indígenas e que conseguiram estabelecer métodos de certa forma originais não só de extração do metal precioso, mas também de seu beneficiamento, até a transferência, através dos escravos oriundos da Costa Ocidental, das técnicas utilizadas nessas regiões da África onde se concentrava a exploração do ouro.

O que se pretende, nas páginas que se seguem, é contribuir para o debate acerca da origem das técnicas de prospecção e mineração do ouro, adotadas nos sertões da América Portuguesa. A presença de técnicos estrangeiros em território colonial, o verdadeiro fascínio exercido pela descoberta e exploração das minas de prata nas Índias de Castela sobre as autoridades e os colonos portugueses no Novo Mundo serão os temas abordados na primeira seção do trabalho. Em seguida, serão discutidos alguns aspectos acerca do papel dos africanos na introdução de técnicas de mineração nas Minas Gerais setecentista. Talvez, as conclusões, decerto parciais, resultem, para utilizar uma metáfora própria ao universo da matéria em questão, em um "amálgama" de influências, ainda que cada um dos itens anteriormente listados possa apresentar pesos diferentes na viabilização de quase um século de atividade extrativa do metal precioso no Brasil colonial.

III. "O outro Peru"

Os primeiros esforços das autoridades coloniais de estabelecerem algum tipo de continuidade entre as minas da América hispânica e a potencial existência de metais preciosos na porção portuguesa da América, não pareciam corresponder a uma racionalidade que permitisse a localização e exploração de jazidas: já em finais do século XVI, D. Francisco de Sousa obteve uma provisão régia para que se importassem duzentas lhamas, a fim de que se iniciasse a criação desse animal em São Paulo “como

⁴ Sérgio Buarque de Holanda. A mineração: antecedentes luso-brasileiros. *História Geral da Civilização Brasileira*: a época colonial. São Paulo: Difel, 1985, t.1, v.2. p.241-2.

se mais não fosse preciso para converter as montanhas de Paranapiacaba numa réplica dos Andes”⁵.

Que a experiência da mineração no Cerro Potosí o qual, acreditava-se à época, distava não mais que doze dias, "por terra ou por água" da vila de Santos⁶, seguiu inspirando os esforços daqueles que, no Brasil, acreditavam que “esta terra é um só Peru”⁷ atestam não apenas a já conhecida presença de especialistas em mineração, vindos da Espanha, em território colonial, nem bem encerrado o primeiro século da colonização, e a difusão de obras como o *De re mettalica*, do mineralogista alemão quinhentista Georgius Agrícola⁸ - cujos exemplares dividiam, juntamente com a Bíblia Sagrada, os altares dedicados à Virgem de Guadalupe em Cuzco e Lima⁹, confirmando a associação, estabelecida pelos conquistadores, entre o sagrado e as "qualidades divinais" que "raiam pelo milagroso" contidas nos metais e pedras preciosas¹⁰ - mas, principalmente, o ousado projeto concebido pelo mesmo D. Francisco de Sousa, por volta de 1591. Acompanhado por um grupo de mineiros práticos, provenientes da Europa, o então governador Geral esforçava-se por “implantar um modelo integrado de

⁵ Sérgio Buarque de Holanda. A mineração: antecedentes luso-brasileiros. Op. cit. p.237.

⁶ Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1985. p.97.

⁷ O impacto da descoberta das minas de prata na América Hispânica não se limitou à possessão portuguesa na América. Mais uma vez, é Sérgio Buarque de Holanda quem informa que: "Até na América Inglesa, onde a proximidade da Nova Espanha tende a suscitar ambições em tudo semelhantes, haverá pelas mesmas épocas quem se deixe empolgar pelo fascínio das grandes minas de prata e das montanhas refulgentes. Idem. p.99.

⁸ A obra de Georgius Agrícola, apesar de basear-se em princípios de alquimia, trazia dados inéditos e tinha como principal vantagem a possibilidade de aplicação prática das informações minero-metalúrgicas disponíveis até então. Isso não impedia que, em várias de suas páginas, se registrassem manifestações típicas de formas de pensamento mágico como na passagem em que o autor alerta o mineiro para as possíveis origens das dificuldades em se extrair metal de alguma escavação: "Em algumas de nossas minas ... há várias pestes perniciosas. Há demônios de aspecto feroz, sobre os quais venho falando em meu livro *De Animantibus subterraneis*. Demônios do tipo que são expelidos e postos para fora através de preces e jejuns". Georgius Agrícola. *De re metallica*, Nova Iorque: Dover publications, 1950, p. 217. Tradução minha.

⁹ O que demonstra que Sérgio Buarque de Holanda não exagerou ao afirmar que o *De re mettalica* “mais ainda que a obra anterior de Biringuccio [se transformará em] uma espécie de catecismo do especialistas em mineração”. Mineração: antecedentes luso-brasileiro. Op. cit. p.249.

¹⁰ "Já sabemos, de fato, como o mesmo precioso metal de que se enfeita a vaidade mundana, não deixava de traduzir para os homens, em termos terrestres, um resplendor quase divino, e que, servindo para adornar altares e dourar templos inteiros, havia no seu brilho como que a sagrada auréola da Fé". Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do paraíso*. Op. cit. p.196 e 204. Outra associação entre a descoberta de metais na América e a Providência divina encontra-se em um padre Bernabé Cobo, citado por Antonello Gerbi, para o qual "... as Índias eram tão pobres em plantas e animais quanto ricas em minerais e metais preciosos, no que vê um desígnio secreto da Providência, que mediante o ouro e a prata trouxe os ávidos europeus para as Índias e induziu-os a levar para lá animais domésticos e vegetais comestíveis". *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.430.

atividades mineradoras, agrícolas e de manufatura”¹¹. Um complexo, portanto, em tudo semelhante ao do altiplano Peru-boliviano não estando ausentes sequer as *haciendas*, muito provavelmente exploradas com mão-de-obra indígena mas que, no lugar do *maiz*, certamente cultivariam o trigo¹².

A experiência prévia da mineração na América hispânica aparece, aos contemporâneos, como requisito essencial para o sucesso dos que pretendiam reproduzir no Brasil o feito dos castelhanos, pelo menos no entendimento do Governador Geral Paes de Sande. Baseado nesse argumento, a autoridade colonial irá desqualificar as credenciais apresentadas por D. Rodrigo de Castelo Branco, designado para o Brasil, pela Coroa, como administrador das minas do sul cuja reputação de especialista na arte de minerar teria sido adquirida em sua estada no Cerro Potosí¹³. Comparando-o aos senhores de engenho de açúcar que, no Brasil, "há tantos ... e nenhum deles sabe como temperar o açúcar das canas que neles moem, e se o quiserem fazer se perderem, e todavia falam como se entendessem da arte", Paes de Sande é categórico quando afirma que Dom Rodrigo de Castelo Branco "... nunca nas Índias foi escrutador ou bruxula (como os Índios)", jamais fizera "tavolagem"¹⁴ de minas pelos cerros; e que, apesar de ter possuído engenhos nas Índias "... nem por isso era descobridor de minas, penetrador de betas, nem temperador de prata; se falava alguns termos, era pelos ouvir e não pelos praticar"¹⁵.

A influência dos descobertos argentíferos na América Hispânica, nos esforços de prospecção do metal precioso no Brasil, também estimulou iniciativas provenientes das partes setentrionais da colônia brasileira, como dão mostras as buscas em torno das montanhas resplandecentes empreendidas, provavelmente, por volta de 1616 por

¹¹ John Manuel Monteiro. *Negros da terra: índios e bandeirantes na origem de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.102-3.

¹² Sobre a importância da triticultura na economia vicentina ver a obra acima citada de John Monteiro.

¹³ D. Rodrigo de Castelo Branco era natural da Espanha e "Tido como um especialista em minas de ouro e prata, com experiência prévia nas minas de Potosí...". Códice Matoso. Op. cit. v.2.

¹⁴ Bruxolear, de acordo com o *Vocabulário Português e Latino* do Padre Raphael Bluteau, era um termo empregado por jogadores: "Bruxolear as cartas (é ir descobrindo as cartas pouco a pouco)". O termo tavolagem, que também se relaciona ao jogo, pode ter se originado, também segundo Bluteau de "Tavolão do ourives do ouro" que é uma tábua de buxo própria à marchetaria característica do ofício de ourivesaria". Apesar da diversidade de acepções, é curioso com os termos empregados ser relacionam aos jogos de azar, metáfora bastante apropriada às incertezas da atividade mineradora.

¹⁵ Relatório do Governador Antonio Paes de Sande, em que indica as causa do malogro das pesquisas das minas do Sul e propõe o alvitre para se obter de uma maneira segura o seu descobrimento. Lisboa, 8 de Janeiro de 1693. Documentos Manuscritos da Capitania do Rio de Janeiro. Conselho Ultramarino - Brasil - Rio de Janeiro. Projeto Resgate de documentação Histórica Barão do Rio Branco. Ministério da Cultura, Brasil. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.. Cx. 10, doc. 1836 (digitalizado).

Belchior Dias, o Moribeca, neto de Caramuru, grande potentado nordestino, fazendeiro no Rio Real¹⁶.

Os insucessos de Belchior Dias não impediria que seu projeto, de reconstituição incerta pela precariedade da documentação existente, fosse retomado em meados do século XVIII pelo Mestre de Campo João da Silva Guimarães, filho de um importante líder emboaba, Pascoal da Silva Guimarães, que embrenhou-se em direção à Chapada Diamantina em busca das minas de prata.

Dessa expedição temos notícia através da Carta que o Comandante de Armas Pedro Leolino Maris encaminhou ao Rei de Portugal a 4 de maio de 1753, "dando conta do estado de umas minas de prata" desbravadas por Moribeca¹⁷. Silva Guimarães foi encarregado da Superintendência das minas por descobrir, as quais, de acordo com Maris tratavam-se de "uma serra, que mostra serem de prata com muita conta, e pessoas verdadeiras me tem assegurado, que de três oitavas de pedra se extraiu meia oitava de prata"¹⁸.

A dificultar a tarefa do Mestre de Campo, além da imprecisa localização das jazidas, a presença de "gentio bravio naquele sertão, em que habita"¹⁹. A expectativa de que os esforços seriam recompensados pelo Rei, através de mercês e benesses, é explícita no documento:

*"Persuado-me, que o dito capitão em diligências tão importantes ao Real serviço de V. Majestade desempenhará cabalmente a confiança, que faço do seu préstimo e fidelidade, e se não isentará do trabalho que há de encontrar, nem da despesa que sem dúvida não será pouca, havendo de circular tanta vastidão de sertões a custa de sua fazenda e tendo-se me oferecido espontaneamente por merecer a Real atenção de V. Majestade"*²⁰.

¹⁶ As aventuras e desventuras envolvendo a busca de um "Potosí no Nordeste", a "descoberta" de maior quantidade de prata do que aquela encontrada no México e no Peru, foram imortalizadas por José de Alencar em *As minas de prata*, obra publicada em 1866. Pedro Calmon em introdução ao romance de Alencar pretende, como ele próprio afirma, estabelecer "A verdade das minas de prata". A maior parte das informações sobre a saga iniciada por Belchior Dias em demanda das minas de prata foi retirada do texto de Pedro Calmon de acordo com quem os insucessos de Belchior Dias constariam do documento "Relação histórica de uma cidade oculta ... das decantadas minas de prata do grande descobridor Moribeca" publicada no terceiro volume da Revista do Instituto Histórico, em 1839.

¹⁷ Carta de Pedro Leolino Maris, para o Rei, dando conta do estado de umas minas de prata por Moribeca. Documentos Avulsos relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa). Projeto Resgate de documentação Histórica Barão do Rio Branco. Ministério da Cultura, Brasil. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa. Vila do Bom Sucesso do Araçuaí, 4 de maio de 1753. Caixa 62, doc.55. (digitalizado).

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

A expectativa da descoberta das minas argentíferas se reforçava pela presença de salitre nas serras da região detectada por um "fâmulos [de Leolino Maris] que casualmente deu com aquele mineral". Infelizmente, o documento não informa a "qualidade" do criado do Comandante de Armas, se africano, mestiço, mameluco. Mas o fato de que exatamente o fâmulos fosse capaz de identificar o nitrato existente naquelas serras relaciona-se diretamente ao assunto do qual iremos nos ocupar ao longo das páginas seguintes quando se buscará abordar a questão da origem dos conhecimentos que tornaram possível tanto a localização, quanto a exploração do ouro nos sertões da América Portuguesa.

Um última palavra sobre as fanadas minas de prata. O fracasso da expedição de Silva Guimarães não foi suficiente para estabelecer a natureza mítica da existência dos maciços de prata e, com isso, desalentar aqueles que projetavam descobri-las. Tanto é assim, que o padre Benigno José de Carvalho e Cunha, português, morador na Bahia, seguiu em 1841 em busca das tão famosas, quanto miríficas, jazidas. A fracassada expedição durou quatro anos e obteve a cobertura da imprensa da época "ora crédula e alvissareira, ora impiedosa e irônica"²¹, certamente a partir das informações contidas na correspondência enviada pelo prelado desbravador.

Ate aqui, insistiu-se no papel que a descoberta do Cerro rico e das minas de Zacatecas representou no sentido de estimular a prospecção de metais nas possessões lusitanas do Novo Mundo. No que diz respeito, propriamente, à influência das técnicas empregadas na mineração da prata no Altiplano Peru-Boliviano ou no Vice Reinado do México, a referência mais direta que encontramos, a partir da documentação pesquisada, é a do mineiro João Barbosa Moreira, possuidor de lavras de ouro na Comarca do Serro do Frio que, em 1744 solicitava à Coroa, através de um requerimento, autorização para "estabelecer uma fábrica, semelhante as das Índias de Espanha"²² que lhe permitisse retirar água no serviço de dez datas que possuía nas encostas da Serra da Pedra.

Se no período inicial da exploração aurífera nos sertões da colônia brasileira era possível, conforme descrição de documentos da época, "apanhar os grãos de ouro com

²¹ Pedro Calmon, p.11.

²² Requerimento de João Barbosa Moreira, mineiro nas minas do Serro do Frio, solicitando provisão de dez datas de terra na parte mais conveniente da Serra da Pedra, para estabelecer uma fábrica, semelhante as das Índias de Espanha, que possa tirar as águas convenientes, para a extração de ouro. Documentos Avulsos relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa). Projeto Resgate de documentação Histórica Barão do Rio Branco. Ministério da Cultura, Brasil. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.. Cx. 44, doc. 60 (digitalizado).

as mãos", já decorridos cerca de cinquenta anos dos primeiros descobertos do metal precioso em Minas Gerais, as formas de obtenção do metal já exigiam técnicas mais elaboradas principalmente para evitar as inundações que, juntamente com os desmoronamentos, representavam os principais problemas enfrentados pela mineração, que já não se fazia apenas nos leitos dos rios. A mineração na América hispânica, como demonstra a iniciativa do mineiro do Serro do Frio, continuava como uma referência importante no que dizia respeito ao aprimoramento das técnicas necessárias à extração mineral precioso.

Mas, uma vez consolidados os descobertos nos sertões do Brasil, exceto por iniciativas como a de José Barbosa Moreira, citada logo acima, ou de um Frei Bonina Suave, pioneiro, conforme Cláudio Manoel da Costa deixou registrado em seu poema *Vila Rica*, na introdução de rodas para esvaziamento das catas, no ano de 1711, os processos de mineração na capitania de Minas Gerais irão cada vez mais se distanciar daqueles utilizados na América Hispânica, principalmente no que diz respeito ao processo de beneficiamento.

É bem verdade que a natureza aluvional de grande parte do ouro encontrado nas Minas Gerais exigirá poucos avanços técnicos da parte dos mineradores, ainda que esses avanços não tenham sido desprezíveis. Prova disso é a "invenção" de se lavrar e desmontar as terras com água superior aos tabuleiros altos, contemporânea à introdução das rodas de esvaziamento das catas. O sistema reproduzia o "funcionamento da natureza", quando nas épocas das invernadas das chuvas os morros se desmoronavam nas partes altas e das terras assim acumuladas mais abaixo se retiravam, depois de escavadas, os cascalhos aos quais o ouro, se houvesse "pinta"²³, se encontraria misturado.

As instalações exigidas para os desmontes, a depender da localização das terras minerais, eram bastante dispendiosas, pois implicavam em conduzir a água através de penhascos e montes por jiraus de madeira de lei que sustentavam bicas fechadas até ou alcatruzes (manilha ou tubo com que se faz a canalização da água) até que atingissem os locais onde o ouro se encontrasse. Nesse processo eram necessários "grande desvelo,

²³ Era chamado pinta o "Local com indícios de existência de ouro". Uma das formas de se apurar se se tratava de cascalho aurífero era depositar uma parte do barro na bateia e verificar a ocorrência de partículas de ouro. Códice Costa Matoso. Luciano Raposo de Almeida Figueiredo; Maria Verônica Campos (Coordenadores.). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999, v. 2.

despesa e trabalho, com fábrica de escravos que trabalhem"²⁴. O paulista Bento Fernandes Furtado termina seu relato sobre a introdução do "invento", afirmando que com ele se "fertilizaram novamente as minas". Ora, o sistema fora adotado, segundo o próprio Fernandes Furtado, no ano de 1707, "pouco mais ou menos", o que significa que esse período demarca claramente a passagem de uma fase da mineração menos exigente em termos de ferramentas de minerar, para um período que demandava complexos mecanismos de extração do metal.

Ainda que a mineração a céu aberto tivesse predominado nas minas, não faltaram iniciativas de se cavarem buracos (socavões) e minas "pela terra dentro em grandes distâncias"²⁵. Não há informações disponíveis sobre se a profundidade dessas minas exigia trabalhos de ventilação, como os experimentados na América Hispânica. O que se sabe é que a mineração subterrânea, que se praticou na capitania de Minas Gerais, demandava um sistema de sustentação feito com estacas, sobretudo em se tratando de uma formação onde predominavam as rochas friáveis.

Apesar de tudo isso, a bateia será o instrumento nuclear, não apenas nas tarefas de prospecção, como nas de extração e beneficiamento do metal precioso, ainda que a sua origem não pareça suficientemente esclarecida.

IV. Os escravos da Costa da Mina e a exploração do ouro na África Ocidental

Exímios no maneiio da bateia, nem sempre é possível avaliar, com rigor, a contribuição dos africanos na introdução das técnicas de mineração nos sertões da América Portuguesa. A discussão não é recente, ainda que venha ganhando alento com o avanço dos estudos, não apenas sobre a História da África, como também sobre a origem étnica dos escravos presentes nas minas desde os períodos iniciais das atividades extrativas. Assim, de acordo com os estudos demográficos mais recentes, não parece restar dúvidas de que os africanos vindos da Costa da Mina representavam algo em torno da metade dos escravos presentes nas Minas Gerais nas décadas iniciais da

²⁴ Notícias dos primeiros descobrimentos das primeiras minas... . Códice Costa Matoso. Op. cit., v.1. p. 192, fl.27.

²⁵ Papel feito acerca de como se estabeleceu a capitação nas Minas Gerais e em que se mostra ser mais útil o quintar-se o ouro, porque assim só paga o que o deve. Desembargador Tomé Gomes Moreira, 1749. Códice Costa Matoso. Op. cit., p. 485, fl. 228.

exploração²⁶, o que torna provável que seus conhecimentos sobre a mineração tenham colaborado para o bom andamento das atividades.

Há testemunhos da época que confirmam que os negros Mina eram preferidos pelos mineradores, e não apenas por eles, mas também pelos moradores da capitania de Minas Gerais que se ocupavam da cultura de mantimentos. Na informação prestada ao Rei de Portugal por Tomás Francisco Xavier, por volta de 1752²⁷, o autor registra a "estimação dos mineiros aos negros da Costa da Mina, porque se acham mais aptos para o trabalho". Essa preferência, aliada à concorrência com traficantes holandeses que atuavam na região, teria elevado o preço desses africanos escravizados a níveis proibitivos²⁸. A solução apontada por Francisco Xavier, de estimular a venda de escravos de Moçambique cujos preços, apesar da maior distância entre a África Oriental e o Brasil, eram de três a quatro vezes menores do que os dos escravos mina, encontrava resistência dos mineradores.

O documento, porém, não deixa claro se a aptidão dos negros mina ao trabalho se dava pelo domínio que esses escravos tinham da mineração e/ou pelo fato de serem excelentes metalurgistas²⁹ em sua terra de origem, habilidade essa indispensável a uma atividade onde eram tão necessárias as enxadas, alavancas, almocafres e cavadores, ou, ainda, pela força física desses cativos, essencial ao desempenho de uma atividade cujo

²⁶ Sobre os dados demográficos ver Francisco Vidal Luna e Iraci del Nero Costa. Algumas perspectivas do contingente de cativos em Minas Gerais. *Anais do Museu Paulista*, 1979, v.XIX.

²⁷ Carta de Tomás Francisco Xavier Hares, informando o Rei sobre as medidas consideradas essenciais à recuperação das minas de diamantes. Documentos Avulsos relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa). Projeto Resgate de documentação Histórica Barão do Rio Branco. Ministério da Cultura, Brasil. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa. Cx. 60, doc. 76 (digitalizado).

²⁸ Na sua *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*, escrita em 1780, José João Teixeira atribui a alta de preços dos escravos, tanto mina como angola, ao monopólio dos comerciantes exercido no Rio de Janeiro: "Há grande falta de escravos na Capitania de Minas, porque se não promove cuidadosamente a extração deles na Costa da Mina e em Angola, e porque, no Rio de Janeiro, se costuma fazer um monopólio dos mesmos escravos, como é constante". Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/CEHC, 1994. Estudo Crítico de Francisco Iglésias. p.177

²⁹ "Boa parte do ouro explorado durante todo o setecentos na gerais e nas capitanias de Goiás, de Mato Grosso e da Bahia, foi recolhido através de técnicas introduzidas pelos africanos e desconhecidas pelos europeus. Essa realidade estende-se, ainda, aos diamantes extraídos e ao minério de ferro encontrado na região, transformado em instrumentos de trabalho nas pequenas forjas montadas pelos africanos". Eduardo França Paiva. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: Eduardo França Paiva e Carla Maria Junho Anastasia (organizadores). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver, séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume; PPGH/UFGM, 2002. p.189. Sobre o domínio da metalurgia pelos africanos da Costa da Mina ver, dentre outros: Alberto Costa e Silva. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002 e *Um Rio chamado África: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFRJ, 2003; Douglas C. Libby. Sociedade e cultura escravistas como obstáculos ao desenvolvimento econômico: notas sobre o Brasil oitocentista. *Estudos Econômicos*. São Paulo: 23 (3), p.468-471, set./dez, 1993.

desgaste crescia à medida em que a obtenção do mineral se tornava cada vez mais difícil ou a fatores relacionados à sua menor vulnerabilidade aos choques epidemiológicos³⁰.

Quanto ao primeiro item, o de os africanos da Costa Ocidental possuírem experiência em atividades de mineração, parece impossível concordar com a afirmação de Sérgio Buarque de Holanda quando o autor duvida da possibilidade de qualquer contribuição do africano escravizado no desenvolvimento de técnicas de mineração:

*"Nem é crível que os pretos introduzidos no Brasil pelo tráfico tivessem sido portadores de técnicas, mesmo primitivas, de mineração, já que as ignoravam em suas terras de origem. Para tanto estariam menos aparelhados do que os próprios portugueses"*³¹.

Reforçando seus argumentos, Sérgio Buarque de Holanda observa que os lusitanos não puderam sequer se beneficiar das formas de exploração de ouro que se praticava na Costa ocidental africana uma vez que os contatos dos portugueses naquele continente se limitavam aos caravaneiros, berberes e muçulmanos, os quais também seriam mantidos na ignorância "sobre a procedência desse ouro, que os negros, praticando em geral o comércio mudo, escondem aos próprios caravaneiros ...".³²

E prossegue em sua argumentação, agora nas páginas iniciais do capítulo "Metais e Pedras Preciosas"³³, reproduzindo a conhecida figura, extraída da já citada obra de Georgius Agricola, *De re metallica*, que, conforme se assinalou, tanto influência exerceu sobre a mineração nas Índias de Castela, da *Lavagem de metal precioso nas lavras da Europa Central*. Na legenda, nota-se a intenção do autor em identificar os

³⁰ Sobre os resultados da "união microbiana" resultante dos descobrimentos ver Luiz Felipe de Alencastro. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.127-37.

³¹ Sérgio Buarque de Holanda. Mineração: antecedentes luso-brasileiros. Op. cit. p.241. Opostas são as conclusões a que chegam Pandiá Calógeras em *Formação Histórica do Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1930 e Aires da Mata Machado Filho no seu *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

³² Sérgio Buarque de Holanda. A mineração: antecedentes luso-brasileiros. Op. Cit. p.230. Pierre Vilar, ainda que não negue o "comércio mudo", registra que os portugueses se aproximaram das áreas onde se realizava a mineração de ouro na África: "A Gâmbia, ao contrário, é uma etapa decisiva no descobrimento do ouro. Diego Gomes chega até 'Cantor' (Kantora) grande mercado. Os contrafortes de Fatu Jalón aparecem como o verdadeiro lugar do ouro em pó da 'Ilha de Tibar'. Na verdade, encontram-se praças onde os homens procuram a areia aurífera, que as mulheres lavam, mas também, existem poços de 'lateria' [espécie de rocha semelhante a argila] com galerias de 20 metros. Os produtores negros levam o ouro aos homens de Diego Gomes, mas o país continua fechado. É o país da tradição do 'comércio mudo' (ouro por sal): o vendedor deposita sua mercadoria e desaparece; o comprador a leva (se gosta) e deixa a troca". Pierre Vilar. *Ouro e moeda na História: 1450-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p.67.

³³ Metais e pedras preciosas. Op. cit. p.274.

instrumentos ali dispostos com aqueles que irão ser os mais utilizados na extração do metal. Não é feita qualquer referência às calhas de madeira em que a lama de rocha é depositada, ao contrário da "cavadeira de ferro (E) [que] é correspondente de nosso almocrafe; a vasilha para a separação de cascalho (H) [que] equivaleria ao carumbé; finalmente, o alguidar ovalado e bojudo para lavagem de terras auríferas (I) [que] tem função idêntica à de nossas bateias". Todos instrumentos, portanto, utilizados desde pelo menos o início da Idade Moderna nas regiões da Europa, com destaque para a Alemanha, onde se extraía o metal precioso³⁴.

Além disso, o autor insiste na presença de técnicos europeus, inclusive os espanhóis já treinados na exploração da prata no Cerro Potosí, nas pioneiras explorações de Paranaguá e Curitiba que teriam sido essenciais para preparar o colonizador, ou os mamelucos que se internavam pelos sertões, conjugando as atividades de apresamento do ameríndio à tentativa de localização das jazidas minerais. Alguns dos mineradores que se notabilizaram pela descoberta de ouro nas Minas Gerais descenderiam de especialistas europeus que, bem antes do século XVIII, teriam estado no Brasil. Seria esse o caso de Rodrigues Arzão, descendente de um Cornélio Arzing, especialista vindo ao Brasil da Europa. Aliás, não fora a tendência dos colonizadores de aportuguesarem os nomes estrangeiros, seria possível identificar entre os ascendentes desses descobridores vários especialistas "importados"³⁵.

Talvez, o relevo que Sérgio Buarque atribui a essas explorações propedêuticas tenham-no levado a duvidar de qualquer possibilidade de contribuição do africano escravizado no desenvolvimento de técnicas de mineração.

O exame da historiografia recente sobre a mineração na África Ocidental tem contribuído, em grande medida para elucidar os diversos aspectos assumidos pelas técnicas de mineração de lavagem do ouro naquele continente.

As principais regiões onde se exploravam o metal amarelo, por volta do século XIV, fosse de origem aluvional ou de minas, que poderiam alcançar boa profundidade,

³⁴ A diferença entre a bateia e o carumbé - esse último, pelo o que a própria etimologia da palavra indica, mais largamente utilizado pelos indígenas e mamelucos que se internaram pelos sertões das capitânicas do sul - consiste em a primeira apresentar diâmetro suficiente para que o "escravo possa abarcá-la com os braços". Códice Costa Matoso. Op. cit. v. 2.

³⁵ E prossegue "De outro especialista na construção de engenhos de ferro que deixará, como Beting [natural da Gueldria e tido por alemão flamengo], ilustre descendência em São Paulo, figurando nela notáveis descobridores de minas de ouro, consta igualmente que era originário da Flandres". Também estrangeiros eram Bacio de Filicaia, italiano que serviu com D. Francisco de Sousa e Willem Jost ten Glimmer, holandês, prático em mineração, que chegará a participar de uma expedição bandeirante aos sertões do São Francisco". Metais e pedras preciosas. Op. cit. p.251.

eram "a Núbia, Bambuk (nos limites do Senegal com o Mali), Buré (na Guiné-Conacri), Lobi (sobre o rio Volta Negro), o país dos Achantis (no atual Gana) e o planalto oriental de Zimbabué"³⁶.

Nas regiões do Sudão Ocidental, na Etiópia e no Zambese, a atividade se assemelhava ao sistema de socavões ou catas, método adotado na América portuguesa e que marcará para sempre a paisagem das Minas Gerais, nas áreas onde se concentrou a extração do ouro³⁷. De acordo com Valentim Fernandes, autor de um relatório sobre a costa senegalesa, datado de cerca de 1507:

*"As covas de ouro são sete e as têm sete reis, cada qual sua cova. E as covas são muito altas debaixo do chão. E estes reis têm seus escravos, aos quais metem em aquelas covas e lhes dão mulheres que levam consigo e parem e criam nas ditas covas e ali lhes dão de comer e beber. Estes escravos são todos negros"*³⁸.

Nota-se, pela passagem, que na região a extração e o comércio do ouro eram monopólio dos reis que controlavam os caminhos que levavam aos garimpos e às minas³⁹. O controle sobre a exploração e o comércio dotaram esses soberanos de "boa prática em disciplinar os fluxos do ouro", aumentando-lhe ou diminuindo-lhe a demanda de acordo com seus interesses⁴⁰

Decorrido mais de um século e meio dos registros realizados por Valentim Fernandes na Costa Senegalesa, em 1670, o trabalho dos escravos nas "covas" minerais já contava com alguns melhoramentos técnicos ao mesmo tempo em que as escavações pareciam atingir maior profundidade, sendo, no entanto, os desastres mais eminentes:

³⁶ Alberto Costa e Silva. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p.36.

³⁷ O sistema de socavões ou catas consistia na abertura, pelos escravos, de "buracos muito profundos onde se metem, e pouco a pouco vão tirando a terra para a lavar. Porém esta sorte de tirar ouro é muito arriscada, porque sucede muitas vezes cair a terra, e apanhar os negros debaixo". Diário da jornada, que fez o Exmo. Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a cidade de São Paulo, e desta até as Minas - Ano 1717. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939, v.3. Apud Adriana Romeiro e Angela Vianna Botelho. *Dicionário Histórico das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Também se chamavam socavões às minas horizontais, que poderiam atingir duzentos metros, cavadas no Cerro Rico no altiplano Peruboliviano.

³⁸ Códice Valentim Fernandes, leitura paleográfica, notas e índices de José Pereira da Costa, Academia Portuguesa da História, 1997, p.36. Apud: Paul E. Lovejoy. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002. p.70.

³⁹ Alberto Costa e Silva. *A enxada e a lança*. Op. cit. p.608.

⁴⁰ Alberto Costa e Silva. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p.216.

*"Os Accassurs, assumindo muitas dificuldades e riscos, têm os veios de ouro nas minas explorados a uma profundidade considerável. Eles utilizam todos os tipos de instrumentos: grandes enxadas de ferro, cestos e cordas fortes, não apenas para cavar degraus e galerias no chão, mas também para recuperar o ouro encontrado ali. Eles contam também como muitas vezes um grande número de escravos desaparecia nos poços da mina por causa dos desmoronamentos"*⁴¹.

Diferentemente, porém, do que ocorreu nos sertões da América Portuguesa, tais atividades foram, naquelas partes da África, intensivas em mão-de-obra, sempre cativa⁴². Há notícias, é bem verdade que um tanto imprecisas, de colonos portugueses que apenas em suas explorações na bacia do Zambese utilizavam-se de até 300 escravos "a um só tempo"⁴³.

A extração do metal também se concentrou nas areias auríferas, num sistema, bastante similar à lavagem do ouro aluvional que, de acordo com as estimativas existentes, respondeu por 80% do ouro extraído nas Minas Gerais⁴⁴, estimativa que nos parece exagerada, dada a importância assumida pela exploração do ouro de enconsta e de tabuleiros altos. Em 1820, o embaixador britânico em Axante, J. Dupuis, registrou que:

*"Nas margens do Barra [Ba], um rio cuja fonte fica perto da grande cidade muçulmana de Kherabi e que corre para sul para se juntar ao Tando ou Assinia [na verdade o Comoé], os gyamans praticam a lavagem do ouro, e meus informantes relatam que durante a estação das chuvas existe trabalho para oito ou dez mil escravos, durante dois meses"*⁴⁵.

O regime pluviométrico da África Ocidental certamente explica que, diferentemente do Brasil, a lavagem do ouro fosse feita na estação de chuvas. Mas a estreitá-las está o indispensável uso da bateia, certamente a principal e decisiva

⁴¹ Paul E. Lovejoy. Op. cit. p.188.

⁴² "Esses estabelecimentos escravistas demonstram um aspecto importante do tráfico de escravos; para onde quer que os escravos fossem exportados, eles eram com frequência utilizados em grande número". Idem. p.70.

⁴³ Idem. p.208.

⁴⁴ "... pois deste [aluvião dos rios e ribeiros] proveio cerca de 80% de toda a produção aurífera colonial". Alice P. Canabrava. Introdução e vocabulário. In: João Antônio Andreoni. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d, p.96.

⁴⁵ J. Dupuis. Journal of a Residence in Ashantee. Londres, 1824. Apud Paul E. Lovejoy, p.255.

contribuição africana para a mineração no Brasil⁴⁶, instrumento muito mais apropriado ao meneio da areia aurífera do que os rasos pratos de estanho empregados pelos mamelucos dos primeiros descobertos.

Além disso, em determinadas regiões da África ocidental a metalurgia, indispensável para a confecção das ferramentas utilizadas na mineração, tanto na África como, posteriormente no Brasil, experimentou um enorme desenvolvimento, inclusive na fabricação de armas. Em alguns grupos, sobretudo entre os povos pastores, o exercício da profissão de ferreiro - bem como do trabalho com outros metais - se transmitia dentro de grupos familiares fechados, caracterizando castas cuja principal restrição se constituía na impossibilidade de contrair matrimônio fora do grupo de origem⁴⁷.

Porém, seria suficiente constatar que os africanos tinham domínio de técnicas de mineração para atribuir-lhes, exclusivamente, a introdução desses instrumentos na exploração das jazidas minerais do sertão da América Portuguesa?

Em artigo recente, Eduardo França Paiva, depois de afirmar que acredita que os africanos vindos da Costa Ocidental tenham sido "mais numerosos nas Gerais que na Bahia"⁴⁸ observa que os mina, sobretudo as mulheres, eram mais demandadas na mineração do que os africanos da África Central, o que não deixa dúvidas o documento citado no início desta seção, ainda que não se refira apenas aos mineradores, como vimos. Baseando-se em testamentos e inventários *post-mortem*, o autor considera que entre os proprietários de 10 ou mais escravos, na Comarca do Rio das Velhas, área essencialmente mineradora, 40% dos cativos eram Mina. As outras etnias mais importantes dividiam-se entre os Angola, 26%, os Benguela, 8% e os Congo (4%).

Situação diversa verificava-se na Comarca do Rio das Mortes, região na qual os Mina constituíam apenas 12% do total de escravos identificados, contra 28% de Angola, 16% de Benguela e 8% de Congo. Em reforço a essas evidências, Eduardo Paiva apresenta os dados sobre a escravaria de uma fazenda de criação de cavalos, situada em

⁴⁶ "Na década de 1690, Tilleman relatou que: O ouro é escavado do solo pelos escravos desses Acaneiros [acãs] (...) Enquanto está sendo escavado não se pode notar nenhum ouro visível no solo escavado, mas esse solo é levado pelos escravos em grandes recipientes de madeira e colocado em grandes montes onde tiver água mais perto [para batear]. Nos domínios de Petu e Commendo, várias centenas de escravos são vistos muitas vezes procurando ouro (...) na praia". Paul E. Lovejoy, p.188.

⁴⁷ Alberto Costa e Silva. *A enxada e a lança*. Op. cit. p.633-4.

⁴⁸ Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: Eduardo França Paiva e Carla Maria Junho Anastasia (organizadores). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver, séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume; PPGH/UFMG, 2002.p. 188.

Baependi, próximo à capitania de São Paulo, na qual, no ano de 1780, dos seus 89 escravos nenhum constava como pertencente à nação mina⁴⁹.

No que diz respeito às propriedades mineradoras, situadas na Comarca do Rio das Velhas o que se verifica, na verdade, a partir dos dados apresentados pelo autor, é um certo equilíbrio entre as etnias, uma vez que os Angola, Benguela e Congo podem ser agrupados - assim como o foram os diferentes grupos da África Ocidental sob a designação "Mina" - como provenientes da nação Angola, ou Congo Angolana, como eram genericamente designadas, principalmente pelos traficantes de escravos, as diversas etnias da África Central⁵⁰. Desse modo, não há predomínio de uma etnia sobre outra. Quanto à Comarca do Rio das Mortes, não resta dúvidas de que é pequena a porcentagem de negros Mina na região. Porém, uma conclusão mais definitiva a esse respeito fica comprometida por se desconhecer a origem étnica de 36% dos escravos daquela Comarca. Mais adiante, voltarei aos resultados encontrados, pelo autor, para a fazenda criatória de eqüinos.

Analisando os dados das matrículas da capitação dos Sertões para o ano de 1736⁵¹, região que compreendia a porção ao norte da capitania de Minas Gerais, encontramos, para os africanos⁵², os resultados que se seguem: 51,25% dos escravos estavam listados como Mina. No interior desse grupo, as mulheres representavam 29,26 dos cativos. Dentre os Angola, a porcentagem era de 48,75%, sendo que apenas 14,5% eram mulheres.

A criação de gado muar, a produção de aguardente e rapadura nos engenhos e engenhocas constituíam as principais atividades econômicas desenvolvidas na região, cujo comércio se ligava às capitanias do norte - de cujos portos, certamente, eram provenientes os escravos que constituíam os plantéis na região - e ao abastecimento das áreas centrais da capitania. Nenhuma atividade mineradora, portanto, capaz de justificar

⁴⁹ Idem. ibidem.

⁵⁰ Sobre as dificuldades em se correlacionar o que hoje entendemos por "Nação africana", no período do tráfico internacional de escravos, e as diversas etnias presentes no continente africano ver o artigo de Robert W. Slenes "Malungu, ngoma vem!: África coberta e descoberta do Brasil". Redescobrir os descobrimentos: as descobertas do Brasil. São Paulo: *Revista USP*, n. 12 (dez/jan/fev, 1991-1992).

⁵¹ Lisboa, ANTT, Livros do Brasil, 10. A matrícula traz a relação dos proprietários e dos seus respectivos escravos, dentre os quais estão incluídos os enfermos e os foragidos. Sobre o tema do imposto da capitação ver o meu artigo "O Mapa dos negros que se capitaram e a população forra de Minas Gerais (1735-1750)". *Varia Historia*, Belo Horizonte, Depto de História da FAFICH/UFMG, 2000, n°21. p.142-155.

⁵² O total de escravos listados é de 436. Destes, apenas 58 eram crioulos. Os moçambique também aparecem, mas em quantidade bastante reduzida: apenas 7 escravos.

51,25% de escravos africanos provenientes da Costa da Mina no quantitativo de cativos dos Sertões.

Retornemos à fazenda de criação de eqüinos, em Baependi, analisada por Eduardo França Paiva. Importa assinalar que os dados apontam o contingente de escravos da propriedade, e sua procedência, para o ano de 1780. Buscando verificar se os dados disponíveis para outras regiões das Minas validam as conclusões sobre relação entre etnia e atividade econômica, optamos por analisar a procedência do plantel de escravos pertencente a José Inácio de Alvarenga Peixoto. Isso, por dois motivos. O primeiro, de ordem cronológica, uma vez que as informações disponíveis são aquelas constantes no seqüestro de bens do Auto da Devassa, datado de 1788⁵³. O segundo, porque de acordo com Kenneth Maxwell o poeta inconfidente se encontrava, àquela altura, endividado por uns serviços minerais que introduzira em suas lavras, situadas no distrito de São Gonçalo do Rio Verde, Comarca do Rio das Mortes⁵⁴.

Não descartamos a possibilidade de que muitos bens e escravos já se tivessem dispersado por ocasião do seqüestro, mas não há motivos para imaginarmos que os escravos Mina fossem os mais afetados, fato que comprometeria algumas de nossas conclusões. De acordo com o documento, Alvarenga Peixoto possuía àquela época 132 escravos. Destes, 89 (67,43%) eram Angola e os Mina, em número de 12, representavam 9,09% dos cativos; os outros 23,48% eram crioulos. Se considerarmos exclusivamente a propriedade de "terras minerais", verificaremos que nas lavras do poeta inconfidente apenas 3 escravos provinham da Costa da Mina, o que nos leva a supor que o tipo de atividade econômica desenvolvida não seria suficiente para explicar a composição dos plantéis de escravos por procedência de seus mancipios. No final dos setecentos, os escravos vindos de Angola (designação genérica, insisto) pareciam se distribuir de maneira uniforme entre propriedades com atividades econômicas as mais diversas. Ou seja, se a demanda por escravos de determinada etnia influía na composição dos plantéis, esse não era apenas o fator determinante, ou mesmo o mais importante. Decisivo, me parece, nesse sentido, a oferta de cativos e não apenas a demanda.

Ainda sobre o assunto da transferência dos métodos de mineração da África Ocidental para os sertões da América Portuguesa, para além das constatações feitas

⁵³ Traslado do seqüestro feito a Inácio José de Alvarenga Peixoto. São João del-Rei, 05 de outubro de 1789. In: Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1982. vol. 6, p.165-220.

pelos viajantes estrangeiros no século XIX a esse respeito⁵⁵, não encontramos qualquer menção à origem africana dessas técnicas na documentação consultada, datada dos setecentos, com destaque para aquelas reunidas no Códice Costa Matoso⁵⁶ e nos Documentos Avulsos de Minas Gerais do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Tal omissão, é claro, não pode ser tomada como evidência da não influência africana nos processos de mineração adotados em Minas Gerais, assertiva se não descartada, pelo menos reforçada, no mínimo, pela similitude das técnicas adotadas na África Ocidental e na capitania de Minas Gerais.

Porém, uma hipótese que parece plausível é a de que fatores de ordem técnica não tenham sido imperativos na determinação da demanda por escravos da etnia Mina (o que significa algo bem diferente de se admitir a contribuição africana na introdução de técnicas de mineração). O que se explica por diversos motivos, além dos apontados, quando se discutiu a presença de escravos da Costa da Mina em áreas voltadas para o abastecimento.

O primeiro, o de que, conforme demonstra Pierre Verger, nem todos os africanos escravizados na Costa da Mina provinham de regiões mineradoras:

"A Costa da Mina (dependência do castelo de São Jorge da Mina, fundado em 1482, e que não deve ser confundida com a Costa do Ouro), era desprovida de interesse para os portugueses... Nela não encontravam nem ouro para negociar, tampouco especiarias, das quais eram ávidos. (...).

Apesar de que, em seguida, o tráfico na região do castelo tenha sido proibido aos portugueses, durante os séculos XVII e XVIII, o nome de Costa da Mina ficou ligado à parte da costa situada a leste de São Jorge da Mina, para além do rio Volta. Na Bahia, o nome 'negro de Mina' não designava um africano da Costa do Ouro, mas sim, um negro vindo da parte chamada de Costa a Sotavento, a atual Costa do Togo e da República Popular do Benin"⁵⁷.

Constatação reforçada pela informação de que os acanes (da atual Gana) monopolizavam a exploração e comercialização do ouro na África a ponto de, por volta

⁵⁴ Kenneth Maxwell. *A devassa da devassa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

⁵⁵ Como observa Eduardo França Paiva em artigo já citado.

⁵⁶ Códice Costa Matoso. Luciano Raposo de Almeida Figueiredo; Maria Verônica Campos (Coord.). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999, v.1.

⁵⁷ Pierre Verger. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVIII a XIX*. São Paulo: Corrupio, 1987. p.19.

de 1650 "2/3 de todo o ouro obtido pelas companhias européias naquela parte da costa" eram vendidos pelos acãs.

Em segundo lugar, ainda que a preferência dos moradores da capitania de Minas Gerais, mineradores ou não, pelos escravos da Costa da Mina fosse inequívoca, a flutuação do tráfico internacional de escravos obedecia, também, a fatores internos à realidade africana, confirmando a proposição de Alberto Costa e Silva de que o que ocorria, por exemplo, nos sertões profundos do golfo do Benim, como as guerras religiosas que resultavam na captura de escravos para o tráfico atlântico⁵⁸, repercutiam nos rumos da escravidão no Brasil. Assim, por maior que fosse a demanda por escravos da Costa da mina por parte dos moradores da capitania de Minas Gerais, o abastecimento de mão-de-obra africana dependia, em boa medida, dos confrontos bélicos observados no continente africano. As sucessões dinásticas em Benim, ou as relações entre seu líder político e as autoridades européias em geral, ou portuguesas, em particular, muitas vezes comprometiam o abastecimento de escravos para a América⁵⁹. Além disso, o comércio com a África era intrinsecamente instável:

*"Para os europeus não era, no entanto, fácil comerciar na África. Ao gosto dos africanos pelo regateio, às regras rígidas que reis, régulos e chefes impunham ao processamento das trocas, e que podiam variar de embarcadouro a embarcadouro, às diferenças locais na composição dos pacotes de bens estrangeiros com os quais se adquiriam os escravos e o produto da terra ... somavam-se variações tão grandes de preço ao longo do litoral, que aqui se podia pagar o dobro ... ao que se obtinha acolá"*⁶⁰

Somem-se a isso as mudanças bruscas observadas nas conjunturas internacionais do tráfico, influenciadas pelas disputas entre as principais potências, o que poderia significar o redirecionamento dos fluxos do comércio negreiro, interferindo no mercado americano de escravos:

⁵⁸ Alberto Costa e Silva. Sobre a rebelião de 1835 na Bahia. In: Manolo Florentino e Cacilda Machado (organizadores). *Ensaio sobre a escravidão*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p.224.

⁵⁹ Em determinados casos, o tráfico de escravos acabava sendo redirecionado por fatores em certa medida imprevisíveis: "Por volta de 1687, os navios quase não vão mais para Angola em razão de uma epidemia de varíola. O fato encontra-se mencionado em patentes entregues na Bahia aos capitães negreiros, obtendo assim frente a Lisboa uma justificativa para a mudança do local de tráfico". Pierre Verger. Op. cit.. p.13.

⁶⁰ Alberto da Costa e Silva. *A manilha e o libambo*. Op. cit. p.867.

"A expulsão dos portugueses pelos holandeses de suas fortalezas da Costa do Ouro deveria tê-los afastado completamente de tais lugares, tanto mais porque a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, instalada por direito de conquista em antigas fortalezas portuguesas, não tolerava comércio algum por parte dos lusitanos ao longo da Costa do Ouro (atual Gana).

Naquela época, a predominância da importação de africanos bantos é colocada em evidência pelo fato de haver no porto da Bahia, quando da tomada desta cidade pelos holandeses em 1624, seis navios vindos de Angola com um total de 1440 escravos, contra um único vindo da Guiné com apenas 28 escravos"⁶¹.

O que foi apontado, revela alguns aspectos das complexas relações que se estabeleceram entre África e Brasil e aponta para as dificuldades em se restringir a evidência da contribuição africana no estabelecimento das técnicas de mineração à demanda e à presença de escravos da Costa da Mina na capitania de Minas Gerais.

VI. Considerações finais

A história da extração do ouro em Minas Gerais demonstrou que as explorações em minas subterrâneas foram uma realidade do século XIX que correspondeu à iniciativa das Companhias estrangeiras, sobretudo inglesas, que se instalaram na região. A ausência de minas profundas, ao longo do século XVIII, e o predomínio da mineração a céu aberto levou a que muitos autores subestimassem os avanços técnicos observados ao longo dos setecentos, nas áreas de extração do mineral na capitania. Porém, desde 1710, se observa, inclusive com conseqüências sociais que não cabe analisar nos limites desse trabalho, os investimentos em complexos e dispendiosos sistemas hidráulicos, de rodas para o esvaziamento das catas, além da multiplicação de forjas, que exigiam conhecimento de metalurgia, para a confecção de ferramentas e utensílios necessários às lides mineratórias.

Quanto à origem dessas técnicas, o que se conclui é que elas foram o resultado da adaptação às condições locais de técnicas oriundas de regiões diversas, com organizações diferenciadas em sua peculiar complexidade. Como nem sempre é possível documentar cada uma dessas influências, a tentação por se depreender a realidade das técnicas de mineração a partir daquelas presentes em regiões próximas, no

⁶¹ Pierre Verger. Op. cit. p.11.

caso, a América Hispânica, ou com as regiões da África que forneceram escravos para o Brasil, é bastante atraente, mas deve ser vista com cautela.

Que as experiências das regiões mineradoras de prata nas Índias de Castela foram fundamentais, sobretudo para as atividades de prospecção do metal precioso e que suas técnicas ainda serviam de referência ainda em meados do século XVIII nas Minas Gerais, não parece restar dúvidas. Assim, como não deve restar dúvidas de que os africanos da África Central e da Costa Ocidental - dentre esses últimos muitos provenientes de regiões com experiência em mineração - foram excelentes trabalhadores e que o subregistro da sua contribuição aos métodos de minerar deve ser creditada a fatores estranhos à magnitude dessa contribuição.

CRONISTAS, INSTRUÇÕES, TRATADOS E OBRAS DE REFERÊNCIA

AGRICOLA, Georgius. *De re metallica*. Nova Iorque: Dover Publications, 1950. (Translated from the first latin edition of 1556 by Hebert Clarck Hoover and Lou Henry Hoover).

ANDREONI, João Antônio. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d, p.96.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Português e Latino*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. (Digitalizado)

TEIXEIRA COELHO, José João. *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*. ". Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/CEHC, 1994. Estudo Crítico de Francisco Iglesias.

ROMEIRO, Adriana e BOTELHO, Angela Vianna. *Dicionário Histórico das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. *As minas de Prata*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BALZAC, Honoré. *A comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1989. (Obras completas).

CALÓGERAS, Pandiá. *Formação Histórica do Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1930.

COSTA E SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

_____. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

_____. *Um Rio chamado África: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFRJ, 2003.

FLORENTINO, Manolo e Cacilda Machado (organizadores). *Ensaio sobre a escravidão*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p.224.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GONÇALVES, Andréa Lisly. "O Mapa dos negros que se capitaram e a população forra de Minas Gerais (1735-1750)". *Varia Historia*, Belo Horizonte, Depto de História da FAFICH/UFMG, 2000, nº21. p.142-155.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. A mineração: antecedentes luso-brasileiros. *História Geral da Civilização Brasileira: a época colonial*. São Paulo: Difel, 1985, t.1, v.2.

_____. Metais e pedras preciosas. *História Geral da Civilização Brasileira: a época colonial*. São Paulo: Difel, 1985, t.1, v.2.

_____. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

LIBBY, Douglas C. Sociedade e cultura escravistas como obstáculos ao desenvolvimento econômico: notas sobre o Brasil oitocentista. *Estudos Econômicos*. São Paulo: 23 (3), p.468-471, set./dez, 1993.

LUNA, Francisco Vidal e COSTA, Iraci del Nero. Algumas perspectivas do contingente de cativos em Minas Gerais. *Anais do Museu Paulista*, 1979, v.XIX.

LOVEJOY, Paul E. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes na origem de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PAIVA, Eduardo França & ANASTASIA, Carla Maria Junho. *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver, séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume; PPGH/UFMG, 2002.

SLENES, Robert W. Malungu, ngoma vem!: África coberta e descoberta do Brasil. Redescobrir os descobrimentos: as descobertas do Brasil. São Paulo: *Revista USP*, n. 12 (dez/jan/fev, 1991-1992).

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVIII a XIX*. São Paulo: Corrupio, 1987.

VILLAR, Pierre. *Ouro e moeda na História: 1450-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.